

A História nas narrativas de origem do Super-Homem: análise comparativa das séries *Man of Steel*, de John Byrne, e *Birthright*, de Mark Waid e Leinil Francis Yu

Vágner Camilo Alves*

O Super-Homem é um dos personagens mais conhecidos das histórias em quadrinhos (HQs). Criado em 1938 por Jerry Siegel e Joe Shuster, é publicado ininterruptamente desde então pela DC Comics, editora de HQs que detém sua propriedade. O personagem é também um ícone norte-americano, algo presente no tradicional lema do herói, que luta "em defesa da verdade, da justiça e do modo de vida americano".

Sua história, personagens coadjuvantes e universo são conhecidos até pelos que nunca leram uma HQ do super-herói. Trata-se, portanto, de um dos mais destacados mitos criados pela indústria cultural de massa. Por serem mitológicas, as histórias do Super-Homem não se consomem, ou seja, são ambientadas em uma espécie de eterno presente no qual são preservados o personagem e seu universo. Ao mesmo tempo, para manter seu atrativo comercial e a identificação com leitores inseridos em uma sociedade na qual as transformações sociais são cada vez mais aceleradas, os responsáveis pela publicação das HQs do Super-Homem são obrigados a atualizar o personagem sem perder, com isso, os traços que compõem sua mitologia. Isso se tornou ainda mais urgente e difícil depois da revolução narrativa nas HQs de super-heróis realizada pela Marvel Comics, nos anos 1960, e a gradativa adultificação do público leitor do gênero. Trata-se de frágil equilíbrio entre a manutenção de aspectos perenes da mitologia e sua modernização. Nessa interação, fatores políticos e sociais mais conspícuos são evitados nas HQs do herói.

Um dos artifícios utilizados pelas editoras para resolver o problema tanto do "envelhecimento" das narrativas como da confusão proveniente de anos de histórias passadas em um tempo diferente do real é recontar a origem dos heróis e, a partir daí, reiniciar suas aventuras. As obras objeto deste trabalho se inserem exatamente nesse caso. As duas reimaginam a origem do Super-Homem. A série escrita e desenhada por John Byrne foi publicada pela primeira vez nos Estados Unidos entre julho e setembro de 1986, em seis revistas que saíam quinzenalmente. Já a obra escrita por Mark Waid e desenhada por Leinil Francis Yu saiu originalmente em doze revistas mensais, entre setembro de 2003 e setembro de 2004.

O objetivo da presente análise é apontar os aspectos conjunturais, históricos, presentes nos dois trabalhos, a despeito de seus claros vieses mitopoéticos. Com esse fim há, em primeiro lugar, discussão teórica sobre a natureza da narrativa das HQs do Super-Homem, baseada primordialmente nas reflexões de Umberto Eco. Após isso, são

* Professor do INEST-UFF e doutor em Ciência Política (IUPERJ, 2005).

apresentados os aspectos tradicionais da mitologia do super-herói presentes nas duas obras. Finalmente, segue-se a análise principal, em que se busca descortinar a presença da História nas respectivas HQs, mesmo que sutilmente. O texto termina com uma curta conclusão.

O Super-Homem como Mito Moderno

Os super-heróis das HQs constituem uma espécie de mitologia moderna. De todos, o mais paradigmático é o Super-Homem, considerado o iniciador de todo um gênero literário.¹ Segundo Umberto Eco,² existem duas modalidades narrativas principais. A mítica, comum na antiguidade, e a romanesca, própria dos tempos modernos. Na primeira a estrutura da narrativa é fixa, irreversível, imutável. O leitor sabe exatamente o que encontrará na história contada. Seu prazer é justamente percorrer um caminho já conhecido. Diferente é a narrativa romanesca, em que impera a imprevisibilidade. Os eventos em um romance ocorrem enquanto se narra, e o que se passa com os personagens é tão imprevisível quanto o que sucede com o leitor na vida real. Ao fim dos romances, os personagens são consumidos.

O caráter mítico do super-herói parece responder a uma necessidade das sociedades capitalistas modernas. Vivendo em ambiente onde as mudanças, econômicas, sociais e culturais, são aceleradas, o leitor tem sede de algo mais perene, imutável. A narrativa mítica, de alta iteratividade e redundância, leva ao repouso, à evasão da realidade, ao escapismo.

O Super-Homem inspira o homem comum, com seu poder e bondade. Mas o personagem vai além disso. Ele também é objeto de identificação por parte do leitor quando se veste e se apresenta como Clark Kent. Nas palavras de Eco:

"(...) Clark Kent personaliza, de modo bastante típico, o leitor médio torturado por complexos e desprezado pelos seus semelhantes; através de um óbvio processo de identificação, um *accountant* qualquer de uma cidade norte-americana qualquer, nutre secretamente a esperança de que um dia, das vestes da sua atual personalidade, possa florir um super-homem capaz de resgatar anos de mediocridade". (ECO, 2011: 248)

Há, entretanto, um problema de difícil solução na comercialização das histórias de super-heróis. Enquanto mitos, os personagens e todo seu universo não podem mudar. Eles não podem se consumir. Há, por outro lado, a necessidade de se contar, semanal ou mensalmente, novas histórias com os heróis, postas à venda no mercado. Além disso, o

¹ Segundo um dos empresários responsáveis pela publicação das primeiras HQs do Super-Homem, tais revistas significaram o início da indústria de HQs norte-americana como a entendemos (TYE, 2012: 39).

² Os textos base para a reflexão a seguir são *The Myth of Superman* (1972) e *Apocalípticos e Integrados* (2011).

leitor só é capaz de se identificar com os personagens se há uma proximidade entre aquele universo e o seu, real. Jaz aí um paradoxo. As histórias de super-herói têm características dos mitos intemporais, mas são contadas no mundo cotidiano da temporalidade e devem sempre a ele se reportar, sob pena de perderem o poder de identificação com o público leitor. A solução encontrada é a ambientação de tais histórias em um eterno presente, onírico, em que as leis de causa e efeito não são aplicadas a ferro e fogo. De acordo com Eco, o paradoxo só é suplantado porque existe uma noção confusa do tempo nas HQs.

"O Superman só se sustenta como mito se o leitor perder o controle das relações temporais e renunciar a raciocinar com base nelas, abandonando-se, assim, ao fluxo incontrolável das estórias (sic) que lhe são contadas e mantendo-se na ilusão de um contínuo presente" (ECO, 2011: 248)

As reflexões de Umberto Eco são mais bem aplicáveis às HQs de super-herói produzidas até meados dos anos 1960, momento em que houve uma revolução na narrativa desses personagens provocada pela Marvel Comics. Os textos de Eco foram escritos justamente nesse momento, algo que fica patente quando o autor atesta que as revistas do Super-Homem continham duas ou três histórias completas, que se resolviam em poucas páginas (ECO, 2011: 252).³

As HQs de super-herói, a partir de então, serão mais complexas, destinadas a um público mais velho e segmentado. As histórias passarão a ter características mais romanescas, com sentido de tempo mais assemelhado ao do mundo real e com o consequente processo de consumo dos personagens. Elas terão, assim, maior capacidade de serem veículos de comentário social (COSTELLO, 2009: 17). As histórias do Super-Homem terão de se adaptar aos novos tempos, ainda que com dificuldade.⁴

O problema geral apontado por Eco, entretanto, prossegue. Os super-heróis são mitos e mitos não podem se consumir. Além disso, enquanto os mitos da antiguidade eram contados em ambiente em que o tempo histórico, no que concerne a transformações políticas e sociais, movia-se a passos glaciais, a sociedade moderna tem como signo a mudança e consequentemente a percepção de que o tempo passa aceleradamente. Após anos de continuidade, a solução para os problemas advindos disso é voltar às origens. Recontar o início, rejuvenescendo o personagem e seu

³ Outro veículo importante de divulgação do personagem eram as tiras de jornais, que saíram, sem interrupção, de 1939 a 1966 (TYE, 2012: 307).

⁴ É fácil averiguar a dificuldade de harmonização do personagem às novas narrativas. Um dos indicadores mais claros é a queda na venda de HQs do personagem. Uma vez campeão disparado de vendas, a partir de fins dos anos 1970 o Super-Homem perderá tal posto para os super-heróis editados pela Marvel Comics e para seu companheiro da DC Comics, o Batman. Ver *site* sobre vendas de HQs: <http://www.comichron.com>, notadamente as páginas *Yearly Sales* e *Title Sales*. Acesso em 7/6/2013.

universo sem conspurcar as características que fazem dele um mito. Tais momentos se apresentam como ocasiões ótimas tanto para a mitopoese como para a benfeitoria atualização do personagem e de seu universo, de modo que o leitor prossiga identificando-se com ambos. É sob esse pano de fundo teórico que iremos, a seguir, analisar as HQs, observando tanto os traços perenes da mitologia nelas presentes como, e principalmente, as marcas históricas impressas, próprias do momento em que foram produzidas.

Traços Clássicos da Mitologia nas HQs

Dezessete anos separam as obras aqui examinadas. Tal hiato temporal torna a maior parte do público leitor das respectivas origens pertencente a gerações distintas. Enquanto o trabalho de John Byrne apresentou o Super-Homem aos nascidos nos anos 1960 e 1970, a chamada geração X, a obra de Waid e Yu buscou "reimaginar e rejuvenecer a origem do Super-Homem para os leitores do século XXI" (WAID & YU, 2005: 292), quais sejam, os parte da chamada geração milenarista.

A despeito disso e como não poderia deixar de ser, tratando-se de mito moderno, grande parte da história contada e dos personagens apresentados nas duas obras são iguais ou muito similares. Em ambas origens, o Super-Homem é um alienígena nascido no Planeta Krypton, localizado a grande distância da Terra, habitado por uma civilização superior mas condenado à destruição. Kal-El, nome de batismo do Super-Homem, é enviado em uma espaçonave por seus pais biológicos, Jor-El e Lara, para a Terra. O engenho cai no meio-oeste norte-americano, mais especificamente no estado do Kansas,⁵ e o bebê é achado e adotado por um casal sem filhos, os fazendeiros Jonathan e Martha Kent, recebendo o nome de Clark Kent. Lá ele cresce e é educado. Seus super poderes manifestam-se e são explicados de maneira similar. Diferenças gravitacionais e astronômicas entre Krypton e a Terra, em explicação que aproxima a ciência da fantasia, fazem com que Clark Kent seja capaz de voar, tenha super força, pele capaz de resistir ao impacto de granadas de alto poder explosivo e sentidos super aguçados, como super audição e visão de calor. Ao longo das duas obras há numerosas mostras desses poderes. Eles são usados discretamente e anonimamente até Clark atingir a maturidade, quando, então, fixa residência em Metrópolis. Lá o personagem passa a viver vida dupla. Trabalha como jornalista no famoso periódico Planeta Diário, como cidadão comum, e verga também vistoso uniforme azul, vermelho e amarelo, com capa

⁵ Não se tinha certeza sobre a localização da fazenda dos Kents e de Smallville. Em 1978, o material promocional de *Superman: O Filme* indicou a planície do Kansas como o local onde Clark havia crescido. John Byrne gostou da idéia e manteve tal origem na HQ de sua autoria. A partir de então tal fato passou a ser um cânon do personagem (TYE, 2012: 318 - nota 66).

vermelha e conspícuo S no peito quando atua como Super-Homem, o super-herói de Metrópolis.

Outros personagens conhecidos de sua mitologia estão também presentes nas duas HQs. Lois Lane, destacada e combativa jornalista do Planeta Diário, marca o clássico triângulo amoroso das histórias, apaixonada que é por Super-Homem e objeto de desejo de seu colega jornalista, Clark Kent. Presentes também nas duas origens estão o editor do Planeta Diário, Perry White, o fotógrafo Jimmy Olsen e a antiga namorada de Clark em Smallville, Lana Lang, em pequenas aparições. Mais destacado nas duas obras está o arqui-inimigo do Super-Homem, Lex Luthor, recharacterizado e amadurecido como mega empresário inescrupuloso em vez da pueril condição de cientista malvado de antanho.

A mitologia do personagem não foi criada imediatamente, já em sua estréia, em 1938. Veio ao longo de décadas e com contribuições advindas de aparições nos mais diversos meios de difusão, como cinema, animação, rádio e, claro, HQs. Fatos e personagens secundários apresentados, portanto, nesse curto resumo como tradicionais, foram incorporados à mitologia do herói em distintos períodos. De todo modo, quando as obras aqui examinadas foram publicadas, podemos dizer que as informações acima descritas já faziam parte de sua mitologia.

Há, claro, diferenças pequenas na elaboração da mitologia por parte dos autores, que se ligam mais às suas próprias concepções criativas do que ao momento histórico em que tais HQs foram produzidas, foco principal desta análise. Tal afirmativa é de difícil comprovação, visto que influências contextuais se apresentam muitas vezes de maneira inconsciente nos trabalhos artísticos. Ainda assim, aceita-se que há sempre, nas obras, habilidades e elaborações individuais, próprias dos autores. Esse parece ser o caso, aqui, nas concepções apresentadas a respeito de Krypton e sua civilização e da *persona* de Clark Kent.

Byrne nos mostra uma Krypton avançada mas fria, habitada por seres com aparência humana mas privados de alguns valores e emoções caros à humanidade. Jor-El, quando mostra a Lara o local para onde o filho será enviado, e em face da imagem de um fazendeiro desnudo trabalhando com um ancinho, vê no rosto da mulher pavor e tristeza. Acostumada a extrema assepsia de sua civilização, Lara lamenta que o filho vá viver em um mundo rude e selvagem. Quando seu marido explica-lhe sobre os super poderes que Kal-El terá naquele planeta, Lara pergunta se ele, então, governará os terráqueos e os ensinará o modo de vida kryptoniano (BYRNE, 2003, Livro 1, 5-6). Patente nessa apresentação está a arrogância da civilização condenada, que não vê nenhum bônus na perspectiva de um filho seu viver em outro mundo, salvo se for, talvez, para governá-lo. O contrário, portanto, do que Byrne entende ser um dos

principais atributos do Super-Homem como herói, sua criação humana, norte-americana e mais precisamente do meio-oeste do país. Esse aspecto profundamente norte-americano do Super-Homem de Byrne tem, sim, ligação com o momento histórico em que a HQ foi produzida. Voltaremos a isso mais a frente.

A Krypton mostrada por Waid e Yu, assim como o casal Jor-El e Lara, são muito mais simpáticos aos leitores. Trata-se de uma civilização avançada cuja história é repleta de epopéias. O jovem Clark Kent tem acesso a imagens de seu planeta natal por uma espécie de *Tablet* que veio junto com ele na espaçonave que o trouxe à Terra. O próprio S que ornará o peito do uniforme do super-herói é baseado no símbolo contido na manta em que Kal-El bebê foi enrolado e nas imagens da avançada civilização que Clark observa no *Tablet*. A inspiração para se tornar um super-herói é em grande parte produto desse contato, ainda que distante, com sua origem. O próprio título dado por Waid e Yu à obra sobre a origem do herói, *Birthright*, termo que se pode traduzir como *Legado*, indica o quanto de Krypton há na motivação por trás do Super-Homem.

Quanto à *persona* de Clark Kent, Waid e Yu são mais tradicionais. Ele é o disfarce do Super-Homem. O jornalista do Planeta Diário propositadamente adota postura arqueada, tímida, com roupas tradicionais e largas e óculos de grossas lentes para esconder o herói que na verdade é. Já John Byrne nos apresenta um Clark Kent assertivo e másculo, não muito diferente, em atitude, de seu alter ego de capa e *collant*. Tal apresentação faz parte de certa inversão que Byrne faz na tradicional relação entre Clark Kent e o Super-Homem. O disfarce é o super-herói, não o jornalista, mais ou menos nos moldes do que ocorre com o super-herói mais popular da Marvel Comics, o Homem Aranha, editora em que Byrne desenvolveu sua arte e ganhou fama antes de ser contratado pela DC Comics para recontar a história do Homem de Aço. Isso fica patente ao fim da série, quando Clark retorna à casa de seus pais adotivos e textualmente diz que "O Super-Homem não é real. Ele é apenas uma fantasia espalhafatosa que me permite atuar em público sem comprometer minha vida privada" (BYRNE, 2003, Livro 6, 4). O Super-Homem de Byrne é uma das versões menos alienígenas do personagem, aspecto que nos leva novamente ao ponto desse artigo, ou seja, as marcas históricas nas narrativas feitas sobre esse mito dos tempos atuais.

A História nas HQs

Como esperado, conforme reflexão feita anteriormente com base nos escritos de Umberto Eco, não há marcas temporais explícitas nas HQs analisadas. Marcar historicamente a origem do Super-Homem faria a narrativa envelhecer rapidamente e, além disso, iria de encontro ao seu caráter mitopoético.

Isso é mais claro na história escrita e desenhada por John Byrne. A obra não mostra influência das revolucionárias HQs produzidas em meados dos 1980 - *O Cavaleiro das Trevas*, de Frank Miller, e *Watchmen*, de Alan Moore e Dave Gibbons, que levaram o gênero a um novo patamar de sofisticação e aproximação com a narrativa romanesca. A série foi publicada nos Estados Unidos pouco depois de *O Cavaleiro das Trevas* e terminou quando a primeira revista de *Watchmen* chegava aos pontos de venda. O aspecto mais relevante em termos de política internacional, a Guerra Fria, mais especificamente o reaquecimento de tensões entre Estados Unidos e União Soviética, que se deu na primeira metade dos 1980, presente nas obras de Miller e Moore/Gibbons, está completamente ausente no trabalho de Byrne. Em toda a série há uma única menção, ainda assim oblíqua, ao cenário internacional dominado pela rivalidade entre Estados Unidos e União Soviética. Logo no início da história, quando os Kent encontram Kal-El, Jonathan sugere que o foguete que o trouxe pode ser russo, um Sputnik (BYRNE, 2003, Livro 1, 13). Já perto do fim da história, quando o Super-Homem descobre sobre sua origem alienígena, ele volta a essa questão, quando afirma que seus pais adotivos sempre o imaginaram como parte de experiências espaciais terrestres, e que ele poderia ser russo de nascimento (BYRNE, 2003, Livro 6, 20). Trata-se de sutil referência à corrida espacial entre Estados Unidos e União Soviética, subproduto da Guerra Fria, inserida nas origens do personagem.⁶ Isso é o máximo de contextualização política internacional que a origem escrita e desenhada por Byrne se permite.

Em termos menos explícitos e mais subjetivos, entretanto, a HQ de Byrne insere-se muito bem no momento histórico em que foi produzida no que concerne a própria identidade do super-herói. Como já mencionado, o Super-Homem de Byrne é uma das versões menos alienígenas do personagem. Isso é atestado ao longo de toda a série por meio de imagens e palavras. Logo no princípio, vemos o jovem Clark Kent jogando e destacando-se em um dos esportes mais notadamente estadunidenses, o futebol americano (BYRNE, 2003, Livro 1, 9-11). A descoberta a respeito de sua origem kryptoniana vem a se dar em idade madura e já no fim da série, após muitos anos vivendo em Metrópolis e atuando como Super-Homem. A identidade do personagem é profundamente norte-americana e seus valores e ideais correspondem ao de um rapaz criado em uma fazenda do meio-oeste dos Estados Unidos. Isso aparece, por exemplo,

⁶ Clark Kent salva também uma aeronave defeituosa que provavelmente se espatifaria, sob o olhar de uma multidão de metropolitanos, imediatamente antes de se decidir a criar o traje do Super-Homem (BYRNE, 2003, Livro 1, 23-27). A aeronave parece inspirada nos Ônibus Espaciais da NASA, que começaram a operar nos anos 1980. Em janeiro de 1986 ocorreu o primeiro acidente fatal com ônibus espaciais, quando o *Challenger* explodiu pouco depois de seu lançamento, matando todos os seus sete tripulantes - http://www.nasa.gov/mission_pages/shuttle/shuttlemissions/archives/sts-51L.html, acesso em 25/5/2013.

quando o Super-Homem retorna a Smallville para visitar seus pais e manifesta o conforto que sente em sua pequena cidade, onde nada muda e, confessa o herói, não deve mudar mesmo (BYRNE, 2003, Livro 6, 2). O interior dos Estados Unidos mostra-se como o ideal, a América idílica. Quando, mais a frente, Clark Kent conhece pela primeira vez detalhes sobre seus pais biológicos e seu mundo de origem, ele afirma que "nasceu quando o foguete foi aberto, na Terra, nos Estados Unidos". Sobre Krypton, ele "sempre estimará as memórias que Jor-El e Lara lhe deram (...) mas apenas como curiosas lembranças de uma vida que poderia ter sido" (BYRNE, 2003, Livro 6, 22).

Essa identidade profundamente estadunidense de um dos super-heróis mais tradicionais do país se casa bem com o momento histórico-político vivido então nos Estados Unidos. Os anos 1980 são marcados pela presidência de Ronald Reagan (1981-1988). As crises e derrotas dos anos 1970 afetaram profundamente o país, especialmente a auto estima nacional. Internamente houve o dissenso a respeito dos direitos civis das minorias e o escândalo de Watergate (1972) e consequente *impeachment* do presidente Nixon (1974). Em termos internacionais, houve a derrota na Guerra do Vietnã (1975), a invasão soviética ao Afeganistão (1979) e a revolução islâmica no Irã e a consequente crise dos reféns (1979-1981). Os golpes políticos foram conjuminados com a primeira grave crise econômica por que passou o país desde o fim da Segunda Guerra Mundial, em grande medida causada pelos choques do petróleo de 1973 e 1979. Ronald Reagan elegeu-se com plataforma política conservadora, diminuindo gastos estatais com programas de bem-estar social mas aumentando os gastos militares, ao mesmo tempo em que adotava inflamada retórica de Guerra Fria. Em termos de valores nacionais, o presidente buscou recuperar a auto estima avariada, louvando a América profunda. Sua presidência foi aprovada por seus compatriotas, algo patente em sua arrasadora reeleição em 1984.⁷ O forte vínculo identitário com os Estados Unidos do Super-Homem de Byrne espelha bem os anos Reagan.

A obra de Waid e Yu é bem diferente nesse aspecto. O Super-Homem apresentado não só tem orgulho de sua origem alienígena, como é em grande medida motivado a agir como super-herói em virtude dessa origem. Ele tanto se assume, ao menos em parte, como alienígena, quanto se inspira em uma formação internacional, não só no meio-oeste norte-americano. Apesar de ter cursado o *High school*, nosso ensino secundário, em Smallville, ele fez seu ensino superior no exterior, obtendo créditos como aluno visitante em diversas universidades, até conseguir a suficiente carga horária para bacharelar-se em jornalismo (WAID & YU, 2005: 28). A partir de então, Clark Kent passou a trabalhar como *freelance* no jornalismo político.

⁷ Reagan recebeu 525 votos no colégio eleitoral contra apenas 13 de seu adversário, o democrata Walter Mondale. Ganhou em todos os estados da União, com exceção do Distrito Federal e de Minnesota - <http://uselectionatlas.org/RESULTS/>, acesso em 25/5/2013.

A história nos mostra o personagem em hipotético país da África Ocidental, onde Clark cobre a história de Kobe Asuru, líder da tribo Ghuri, que historicamente tem sido explorada pela tribo Turaaba. De maneira simplista e superficial, informa-se que os membros da tribo Ghuri são mantidos na condição de cidadãos de segunda classe. A exploração feita pela tribo Turaaba apresenta sua face mais insidiosa quando nega aos ghuris sua história e, conseqüentemente, sua identidade. O que se demanda são igualdade de direitos e implantação de uma democracia liberal no país, ao estilo norte-americano. Após três atentados à vida de Kobe, o último é bem sucedido (WAID & YU, 2005: 22-34 e 42-56).

Violência perpetrada por razões tribais, étnicas, na África subsaariana, é traço visível da política internacional desde a Guerra de Biafra, ocorrida na Nigéria, em fins dos anos 1960. Não há dúvida, entretanto, que tais conflitos ganharam intensidade e destaque nos meios de comunicação internacional após o fim da Guerra Fria. Muitas guerras podem ser enumeradas desde então em países como Congo, Etiópia, Sudão e Serra Leoa, esta localizada na África Ocidental. O conflito de maior evidência, entretanto, pela brutal violência, foi o ocorrido em Ruanda, em 1994, quando membros da etnia Hutu massacram os da etnia Tutsi, em genocídio com centenas de milhares de mortos. Pela exposição nos meios de comunicação do mundo inteiro, com produção inclusive de filmes e programas de TV, tal genocídio parece ser a inspiração maior para a trama desenvolvida na HQ.

O exemplo do líder africano, destemido, idealista, que termina por morrer por seu ideal, será fundamental na decisão de Clark Kent assumir a identidade do Super-Homem mais tarde. A essa experiência cosmopolita, no além-mar, soma-se a já mencionada admiração que Clark tem por sua civilização de origem, cujas imagens ele observa no *Tablet* alienígena que carrega consigo (WAID & YU, 2005: 38-39). Sua decisão sobre tornar-se o Super-Homem mistura duas inspirações básicas, ambas externas aos Estados Unidos. Seu pai adotivo mostra até mesmo visível contrariedade, em um primeiro momento, com a decisão do filho, vendo nela certo abandono de seu legado terrestre e norte-americano (WAID & YU, 2005: 72-82).

Esse Super-Homem marcadamente alienígena e cosmopolita, ainda que em discurso e ações represente muito bem os valores e a ideologia norte-americanas, tem a marca do mundo globalizado e interconectado do início do século XXI. Parece existir aqui inclinação, por parte dos artistas e, provavelmente, também da editora, a apresentar o super-herói de um modo menos ostensivamente estadunidense. É preciso que se investigue mais profundamente as razões disso, mas há grande probabilidade de que a hipótese de facilitar a penetração e venda de suas histórias em mercados estrangeiros seja constatada.

Outro aspecto claramente indicador do momento em que a história foi escrita e desenhada se liga ao clima político e social dos Estados Unidos pós-11 de setembro de 2001. Logo em sua chegada a Metrópolis, cidade escolhida pelo personagem para viver sua vida dupla, Clark surpreende-se com os helicópteros militares remotamente controlados sobrevoando os céus da cidade. O taxista que o transporta, com fisionomia e vestimenta de alguém proveniente do Oriente Médio ou do sul da Ásia, explica então que se trata de aeronaves anti-terroristas e que estão sendo testadas por autorização do prefeito. O motorista se lamenta, então, e diz sentir falta de um passado "em que as pessoas desta cidade pareciam não ter medo". Tal fala se passa em um quadro que exhibe, como pano de fundo, caixas com pilhas de máscaras contra gás sendo vendidas nas ruas da cidade (WAID & YU, 2005: 88).

O receio e a desconfiança presentes nos Estados Unidos pós-atentados terroristas em Nova Iorque e Washington são, na verdade, o tema principal, ainda que não explícito, da HQ. O vilão, Lex Luthor, busca manipular tais sentimentos, típicos dos Estados Unidos pós-11/9, para realizar seus interesses e, em última instância, destruir o Super-Homem. Este, por seu turno, além de fazer o bem tradicional presente nas histórias do personagem, como impedir crimes e salvar pessoas de acidentes que seriam fatais, tem como maior desafio convencer os cidadãos de Metrópolis de seu caráter heróico e de suas boas intenções. Luthor, por outro lado, busca exatamente o oposto. Ele forja, com dinheiro e recursos tecnológicos, uma falsa invasão a Metrópolis capitaneada por kriptonianos, invasão essa que teria no Super-Homem sua ponta-de-lança, seu batedor (WAID & YU, 2005: 236-238). O super-herói tem então desafio duplo pela frente: lutar contra os farsantes e ao mesmo tempo provar aos cidadãos de Metrópolis, confusos que estão, que ele está do lado deles e que tudo aquilo é uma fraude. Depois de muito esforço e ações heróicas, o personagem termina por convencer os metropolitanos de que, de fato, está de seu lado (WAID & YU, 2005: 261). Esse é passo necessário, ainda que não suficiente, para que o herói derrote a invasão alienígena fictícia e desmascare o verdadeiro vilão por trás de tudo, o mega-empresário Lex Luthor.

A HQ contando a origem do Super-Homem para leitores do início do século XXI lida com a desconfiança presente na sociedade norte-americana vis-à-vis os estrangeiros e alienígenas, rescaldo dos atentados terroristas de 11/9 e da manipulação política desses atos, corporificada na Guerra ao Terror decretada pelo presidente George W. Bush pouco depois. A história não cita diretamente tais fatos mas expõe o ambiente criado por eles de maneira sutil. O super-herói alienígena, estrangeiro, recriado no século XXI, tem necessariamente de esforçar-se muito mais para ganhar a confiança de seu concidadãos. Há um traço na HQ que indica sua posição mais à esquerda no espectro político norte-americano. O ambiente um tanto xenófobo poderia dar azo a um

super-herói mais nacional, mas fazer isso no início do século XXI iria de encontro ao alargamento do mercado consumidor do personagem e sua gradativa caminhada para a condição de mito mundial. Soaria estranho e anacrônico. A decisão dos autores é oposta e reforça o legado alienígena do Super-Homem, além de criar para ele uma educação cosmopolita. A despeito disso, ele não deixa de ser um herói norte-americano, capaz de inspirar o povo de Metrópolis. Essa é a mensagem, o subtexto, presente na HQ escrita por Waid e desenhada por Yu, este último filipino de nascimento. É também uma das características mais salientes do tempo em que foi criada e publicada.

Conclusão

As obras analisadas cumprem muito bem seu papel mitopoético. Nos dois trabalhos encontramos mais uma vez personagens e histórias conhecidas. Acompanhamos a destruição de Krypton e de sua civilização avançada; vemos o bebê Kal-El escapar, em um foguete, do mundo condenado; observamos quando ele é encontrado pelo casal Kent, fazendeiros do meio-oeste dos Estados Unidos, que decidem adotá-lo e criá-lo como filho; sabemos dos super poderes e da razão deles; acompanhamos, finalmente, a decisão de Clark Kent sobre fixar moradia em Metrópolis e lá viver vida dupla, como jornalista e super-herói, com seu indefectível uniforme.

Ao mesmo tempo, ambos trabalhos buscam atualizar o mito, sob pena de o personagem perder identificação com seus leitores. Trata-se de exercício singular, já que é preciso modernizar mas ao mesmo tempo não identificar por demais o tempo histórico, sob pena de se perder rapidamente a validade de tais histórias. Isso é feito com habilidade também em ambos os trabalhos. Observamos sugestões de tempo histórico nas vestimentas e cortes de cabelo, nos modelos de veículos apresentados e no uso de determinados aparelhos eletro eletrônicos - destaque aqui para a comunicação via e-mail entre Clark Kent e sua mãe, no trabalho de Waid e Yu. Mas não há nada de mais fortemente singular, como fatos políticos ou sociais destacados. As obras têm a pretensão de ser ambientadas em uma espécie de tempo presente a-histórico.

Examinadas de maneira mais profunda, entretanto, as duas origens revelam suas procedências temporais. De forma sutil, encontramos, em ambas, o que os filósofos chamam de *Zeitgeist*, ou o espírito de suas épocas. Isso é verdade tanto no Super-Homem de John Byrne, o mais norte-americano de todos, símbolo de um tempo em que era "manhã novamente na América",⁸ como no super-herói de Waid e Yu, o mais

⁸ A referência aqui são aos comerciais de campanha para reeleição de Ronald Reagan em 1984, intitulados, no original, *It's Morning Again in America*. Neles, valores tradicionais norte-americanos são exibidos, louvados e vinculados à presidência Reagan, durante a qual o país tornara-se "mais orgulhoso, mais forte e melhor". A ligação entre tais campanhas e o trabalho de Byrne foi feita originalmente por O'Rourke e O'Rourke (2012).

cosmopolita, obrigado a viver e a enfrentar as vicissitudes dos Estados Unidos pós-atacantes terroristas de 11/9/2001.

Referências

Bibliográficas

BYRNE, John. *Superman, the Man of Steel*. New York: DC Comics, 2003.

COSTELLO, Matthew J. *Secret Identity Crisis: Comic Books & the unmasking of Cold War America*. New York: Continuum, 2009.

ECO, Umberto. *Apocalípticos e Integrados*. São Paulo: Perspectiva, 2011.

ECO, Umberto "The Myth of Superman" in *Diacritics*, vol. 2, n.º 1, 1972.

O'ROURKE, Daniel J. & O'ROURKE, Morgan B. "It's Morning Again in America': John Byrne's Re-Imagining of the Man of Steel" in DAROWSKI, Joseph J. (Org), *The Ages of Superman: essays on the Man of Steel in changing times*. Jefferson, North Caroline: McFarland & Company, 2012.

TYE, Larry. *Superman: the high-flying history of America's most enduring hero*. New York: Random House, 2012.

WAID, Mark & YU, Leinil Francis. *Superman Birthright: the origin of the Man of Steel*. New York: DC Comics, 2005.

Sites

<http://www.comichron.com>

<http://www.nasa.gov>

<http://www.uselectionatlas.org>